

numa noite de maio de 1936, notícia de ourém

Sérgio Faria

Sendo um jornal caracterizado tanto pelo que publica quanto pelo que não publica, sem iludir a relevância do modo como as expressões e as omissões acontecem e marcam as páginas do mesmo, pode afirmar-se que nos anos iniciais o *notícias de ourém* foi simultaneamente uma consequência e um instrumento das tensões e das contradições da década de trinta do século xx em portugal. Foi consequência e instrumento da vontade de mudar, de transformar ourém num município com condições de vida melhores e com mais oportunidades mas – a conjunção adversativa é necessária – foi também consequência e instrumento de uma ordem social marcada por desigualdades acentuadas e oportunidades escassas e de um regime político autoritário, no qual, além de não ser estimulada, a mudança não era desejada, porque concebida e percebida como risco e, por conseguinte, vigiada com gravidade administrativa e política. Neste sentido, se o *notícias de ourém* foi parte – parte ínfima, reconheça-se – do suporte da ditadura do estado novo, não deixou de constituir a materialização de um projecto local na margem dessa mesma ditadura, assumindo nalguns domínios orientação e intervenção progressistas, combatendo concepções, tradições e hábitos que estorvavam ou faziam demorar o desenvolvimento de ourém, sem deixar de denunciar e alertar para as desigualdades existentes, incluindo aquelas plasmadas no território municipal, pugnando contra elas e por valores e práticas de solidariedade.

O texto reproduzido adiante e o que o motivou – a participação empenhada de vila nova de ourém na exposição-feira distrital de santarém de 1936 –, a seu modo, condensam a dualidade da situação e da condição das elites de ourém em meados da década de trinta do século passado. Que o *notícias de ourém* tenha sido o agente de difusão local de tal texto e, antes, um factor de sensibilização e de mobilização para a iniciativa promovida pelo governador civil de santarém, no contexto e no ritmo político do estado novo, não é casual.

*

Vinte e quatro de maio de 1936 foi «o dia de vila nova de ourém» na exposição-feira de santarém. À noite, após as vinte e duas horas, foi proferida a conferência de apresentação do município no pavilhão respectivo, reconstituição do paço do conde de ourém. As palavras e a voz para elas ficaram a cargo de um ilustre local, Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos, conhecido e tratado como barão de alvaiázere, o quarto da linhagem com este título.

A reprodução adiante de tal conferência, classificada como «notável peça literária e descritiva» por quem redigiu a reportagem do acontecimento publicada no *notícias de ourém*,¹ corresponde *ipsis verbis* ao modo como ela surgiu depois estampada nas páginas de tal hebdomadário, o que significa que é respeitada e mantida a ortografia usada à data e pelo autor e não são corrigidos erros ou rectificadas gralhas. Mais do que purismo, trata-se de reeditar também o efeito das condições de difusão escrita de então. Seria possível rectificar e depurar o texto, além de vertê-lo na ortografia actual. No entanto, se se fizesse isso, perder-se-iam marcas e características do texto tal como ele foi lido aquando a publicação original, parte delas consequência da redacção que lhe foi dada, outra parte consequência da composição tipográfica.

Por causa da dimensão, o texto da conferência foi dividido em páginas diferentes de duas edições consecutivas do *notícias de ourém*. Mereceu destaque em ambas, preenchendo a parte maior do texto a mancha central da primeira página abaixo do cabeçalho do jornal, ocupando três quintos da mesma. Tanto em uma quanto em outra das edições a parte remanescente do texto que não coube na primeira página foi publicada em páginas interiores. Um asterisco marca o princípio de cada parte em que o texto foi seccionado e a nota correspondente ao asterisco identifica a fonte original de cada uma dessas partes.

1 Sobre o que aconteceu no dia dedicado a vila nova de ourém na exposição-feira distrital de santarém *vide notícias de ourém*, n.º 150, 31 de maio de 1936, p. 3. Sobre a organização e realização do evento, em reportagem institucional, *vide boletim da junta geral do distrito de santarém*, n.º 43, 1936, pp. i-lxxxviii.

Conferência realizada no pavilhão
do concelho de Vila Nova de Ourém
na Exposição Distrital de Santarém, na noite de 24 de Maio

pelo Exm.º Sr. Barão de Alvaiázere

* Exm.º Senhor Governador Civil do distrito de Santarém:
Exm.º Senhor Presidente da Câmara de Santarém:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

I

Cegou-me o afecto e o entusiasmo que tenho pela terra abençoada onde vivo e onde tenho passado a maior parte da minha vida, ao aceitar o honroso convite com que a comissão organizadora da representação neste certamen, me quiz distinguir, encarregando-me de aqui vir trazer-vos alguns aspectos da linda, histórica e privilegiada área, actualmente abrangida pelo concelho de Vila Nova de Ourém.

Cegou-me esse afecto e esse entusiasmo, sim; não me deixando ver, embora momentaneamente, a responsabilidade que sobre mim pendia e a minha falta absoluta de recursos para versar tão lindo tema, como a elevada cultura intelectual desta assembleia, terá ocasião de verificar e de indulgenciar.

É assim tanto maior o meu reconhecimento pela alta distinção tão imerecidamente concedida, reconhecimento que aqui consigno, saudando calorosamente todos os ourienses e felicitando-os pela bela representação que aqui fizeram da nossa terra.

II

Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Linda e alegre é essa região que serviu de cenário às mais encantadoras lendas, que serviu de cenário a tantos feitos brilhantes e decisivos que enchem a História de Portugal!

Linda e alegre é essa região onde os montes se afastam como que para dar lugar a vales de imensa fertilidade, tufando por toda a parte em verdes montões e grinaldas, a sua exuberante vegetação!

As montanhas vão emmoldurando os vales, umas cobertas de pinheiros, possíveis irmãos gêmeos desses outros mandados semear pelo Rei Lavrador, outras cobertas de extensos olivais, e até a oliveira bem se desenvolve e frutifica por entre as fragas do Furadouro.

Lá para os lados da Fátima, na encosta, a azinheira simbólica dos pastorinhos disputa o lugar ao pinheiro, em socacos que contêm as terras barrentas e pedregosas.

Lá em cima, no alto, velhos moínhos de vento gemem dolentes enquanto suas velas giram sopradas pela nortada, avolumando-se sobre a linha do horizonte. Em redor, matos rasos cobrem os montes em suaves ondulações, apenas cortados pelos atalhos e córregos, estendendo-se até às

* *in notícias de ourém*, n.º 150, 31 de maio de 1936, p. 1.

ravinas fundas que os regatos sulcaram. E o sol vem pôr manchas de ouro nas colinas, deixando as ravinas em escuridão profunda!...

Há, no interior dessas montanhas, riquezas artísticas e misteriosas, quási desconhecidas. São – os algares – como o bom povo lhes chama. Os – algares – são cavernas naturais, algumas de consideráveis dimensões e a bastante profundidade, ligadas ao exterior por estreita e difícil comunicação aberta na rocha pela infiltração das águas.

Maravilhosas obras da Natureza!...

A maior parte dessas cavernas encontram-se ainda por explorar; já porque a natureza guarda sôfregamente êsses tesouros, isolando-os por insondáveis abismos, já por falta de iniciativa dos homens. São, a avaliar pelos que se conhecem, fantásticas mansões de magia e deslumbramento, onde há pórticos e colunas cerúleas, arcarias de aspectos e coloridos marmóreos: docéis de estalactites pendem do alto na mais rendilhada e delicada trama, enquanto estalagmites vão cobrindo o chão com franjas de brocado caídas dêsses docéis.

Há cristais que cintilam como diamantes, à incidência de qualquer luz artificial, que outra ali não pode entrar, e essas cintilações multiplicam-se indefinidamente em indiscreta projeções e em miríades de luminárias das mais fantásticas e variadas côres, nêsse ambiente de sonho e de magia!...

São assim, minhas Senhoras e meus Senhoras, à parte a deficiência da descrição, os algares de Fátima!...

E a tradição popular diz convicta que uns são palácios de mouras encantadas que em certos dias de lindo sol trazem cá para fóra, para os eirados da rocha, seus tesouros... outros, que são antros infernais onde as bruxas vão por noite velha, de gôrra com o mafarrico, cantar seus cantares e combinar seus malefícios e bruxedos...

Dar fácil acesso a êsses locais de tanta beleza e interesse artístico, ligá-los subterrâneamente, iluminá-los, seria conseguir, por certo, um grande atractivo, único talvez no nosso País.

Quem sabe se as entranhas dos montes de Fátima não contêm riquezas artísticas e deslumbramentos como as grutas de Aracena na região de Sevilha, em Espanha, ou como as de Betarran, na região de Lourdes, em França, para não citarmos outras.

E ao falar de riquezas sub-solares do nosso concelho, não poderemos esquecer as aflorações de belos mármoreos, ainda por explorar, como não podemos esquecer as belas águas do Agroal, consideradas pelo grande homem de ciência e grande homem de bem que foi D. Tomaz de Melo Breyner, conde de Mafra, como as águas com maiores propriedades rádio-activas do País, rivalizando com as melhores congêneres do estrangeiro.

São ainda de considerável importância as lenhites e antracites que abundam nas regiões de Espite e de tal poder combustível que chegaram a alimentar dois combóios, com óptimo resultado, que circularam entre as estações de Albergaria e *Lisboa. O seu poder iluminante foi demonstrado também na fábrica do gás, em Lisboa. Sôbre êstes jazigos carboníferos há um relatório interessante firmado pelo distinto geólogo Doutor Fleuri.

III

Voltemos a Fátima, à Cova da Iria, onde a Mãe de Deus apareceu aos Pastorinhos.

E para que em tudo o nosso concelho fôsse privilegiado, a Rainha dos Céus escolheu-o, por suprema glória nossa, para ali descer até junto de nós, portugueses!

É ali que Portugal inteiro e peregrinos de tódo o mundo vão ajoelhar-se a Seus Pés!

Fátima, o grande centro espiritual de tão sublime beleza!...

Mas, Fátima, não é só a evidência dêsses fenómenos solares incontestáveis e

* *in notícias de ourém*, n.º 150, 31 de maio de 1936, p. 2.

incontestados, que ali se observaram em 1917, escapando a previsão desses fenómenos à acção da ciência, para ser feito com uma precisão de hora e local, impressionantemente matemáticos, por simples pastores da serra!...

Mas Fátima não é só a imponência das suas peregrinações! Fátima não é só a espiritualidade das suas cerimónias religiosas! Fátima não é só as lágrimas amarguradas dos que pedem ou as lágrimas reconhecidas dos que agradecem!

Fátima é mais e bem mais, porque Fátima é o próprio coração de Portugal que ali palpita, porque o coração da Virgem Maria ali ficou vibrando em riosas e celestiais vibrações de maternal amor de cândida ternura e de bendito perdão!

IV

Mas deixemos Fátima como o peregrino que dali se retira saudável e arrependido e voltemos à planície.

Ali, tudo é vida e riqueza, envoltas em extenso manto verde salpicado de flôres campestres que o outono vem desbotar em tonalidades tristes e variadas. São os milheirais frescos, as cuidadas hortas, as reluzentes searas, os pomares e os extensos vinhedos disputando primazias de seiva. Os ribeiros e regatos lá vão correndo hesitantes por entre o arvoredado das margens, movendo rústicas azenhas, regando os campos. Aqui, suas águas ficam paradas como que a soluçar, para além se precipitarem clamorosas dos açudes e represas em rendas e atalhados de branca espuma.

De longe em longe campanários de construção ingénua, elevam-se dos povoados marcando capelas e ermidas.

De longe em longe, há velhos solares onde as lutas liberais e o vandalismo francês imprimiram fundos sulcos de destruição e de ruína. É o da Caridade, dos Coutos de Cabêdo que pertenceu aos viscondes do Zambujal. É o da Parreira, propriedade que pertence aos Senhores Ataídes, da Casa do Terreiro, de Leiria. É a Quinta dos Namorados onde a tradição diz que pernitoou a Ala dos Namorados, na sua passagem para Aljubarrota, hoje propriedade do Senhor António Castelino de Sousa Alvim. É o solar do Caneiro, dos Paes de Faria, actual pertença do Senhor Pedro Paes de Faria Caupers. É ainda Alcaidaria Mór, propriedade que pertenceu a Nun'Álvares, passando, séculos depois, para antepassados nossos, e, na família, ainda hoje se conserva, pertencendo as casas de residência, antiquíssima capela com parte das terras, a nossa irmã, D. Maria Celeste da Câmara Magalhães Vieira e Vasconcelos (Alvaiázere), e tantos outros!...

Contrastando com a grandeza destes solares, há pequenos casais humildes mas acolhedores. Seus telhados mouriscos caem em curvas graciosas; as rosas de tocar guarnecem a escada de gastos degraus e vão enrolar-se nas rústicas colunas do alpendrezinho que cobre a porta de largos batentes. A janela ladeada por craveiros rubros do Santo António mostram rótulas na madeira carcomida; aconchegados à casa, o alpendre guarda rústicas alfaias agrícolas. Próximo lá está a eira das desfolhadas e desgarradas de Agosto pelo luar silente. Junto à casa há ainda o aprisco onde a pastorinha ao dar Avé-Marias vem guardar o rebanho, de bernal a tiracolo, acompanhada pelo seu inseparável rafeirito. Há canteiros de alfazema e parreirais em altas latadas guarnecem o quinteiro.

É o Minho a esbatecer-se na paisagem ouriense!...

*

V

Agricolamente, o concelho salienta-se pela interessante característica de – a si próprio se

* *in notícias de ourém*, n.º 151, 7 de junho de 1936, p. 1.

bastar —; as suas produções cobrem as suas necessidades dando-lhe ainda uma larga margem para exportação de certos géneros.

Se às vezes importa é para especulação comercial ou porque géneros exportou.

Na produção, as belas madeiras de pinho teem o primeiro logar e bem assim os vinhos e azeites.

Os seus vinhos são excelentes e pode afirmar-se sem receio de contestação que êles rivalizam, quando bem fabricados, com os melhores vinhos de mesa do nosso País.

Os grandes mestres, entre outros, os Senhores Doutores Mário Pato e Antunes Júnior e o falecido Doutor Sá Viana tiveram sempre palavras honrosas para os vinhos da nossa região.

É de notar que nem tôdo o vinho que sai de Ourém é originário de Ourém, dando-se ainda a circunstância de muitas vezes ao se querer reputar bem um vinho se dizer que êle é de Ourém.

Tênicamente os processos de cultura estão ainda muito atrasados devendo contudo salientar-se a boa vontade e óptimos serviços prestados pelo Senhor Doutor Maia Pereira, digno Chefe da XII Brigada Agrícola, com séde em Tomar.

VI

Comercialmente, o concelho revela-se pela importância dos seus mercados e feiras de gado, sendo importantíssimo o mercado semanal que na sua séde se realiza às quintas-feiras, muito concorrido pelos povos de Leiria, Tôrres Novas e Tomar.

Importante ainda é o mercado da Freixianda, muito concorrido pelos povos dos vizinhos concelhos de Ferreira do Zêzere, Alvaiázere e Pombal.

Madeiras nossas, durante anos, carregaram navios que sulcaram os mares em várias direcções.

Os seus vinhos e azeites dão logar também a importantes transacções.

VII

Industrialmente são as fábricas de serração de madeiras que teem o primeiro logar.

A indústria de tejôlo e telha bem como o fabrico de cal e a serração de pedra são de certa importância, tendo algum desenvolvimento o fabrico de mobílias de pinho da Charneca, tão divulgadas pelo nosso País.

VIII

É a séde da vila alegre e aprazível, destacando-se o Hospital de Santo Agostinho, legado do grande benemérito que foi o Doutor Agostinho Albano de Almeida.

A Associação dos Bombeiros Voluntários tem-se afirmado brilhantemente pela destreza do seu Corpo Activo em vários concursos em que se tem tomado parte.

A Banda Municipal é um primor de harmonia e execução, estando a sua regência a cargo do notável maestro Carlos Franco que à Banda tem dado o melhor do seu esforço e do seu saber.

A Comissão Administrativa, à frente da qual se encontra o Exm.º Senhor Coronel Domingos Barreira da Silva Patacho, tem dotado o concelho de importantes melhoramentos e se o concelho já muito deve à actual Comissão Administrativa, muito mais ainda espera dever-lhe.

IX

Antes de encerrar esta descolorida exposição que nem ao menos tem o merecimento de ser breve, devo ainda referir-me, embora a traços muito leves e imprecisos, à história

gloriosíssima da vila de Ourém; seria assim fechar com chave de ouro, se não fôsse a minha já evidenciada incompetência. A designação de – AURIEN – aparece já em latim bárbaro nos documentos do século XII, sendo certo que no tempo da nobre família goda era conhecida por – Abdegas. Querem alguns historiadores que a etimologia do termo – Ourém – venha do antigo grito de guerra, a quando da tomada do Castelo, ecoando pelas quebradas dos montes: – «Por São Thiago, avante e orem...»

Querem outros que o nome Ourém fôsse derivado das ricas minas de ouro que existiam nas serras vizinhas e que parece os romanos exploraram.

Querem ainda outros, com mais romance e mais poesia, que o nome de Ourém derive da linda moura Fátima, raptada por Gonçalo Hermigues, em Alcácer do Sal, em manhã de São João, e que trazida para as nossas terras, fôra baptisada com o nome de Oriana, com êle casando em seguida.

Quanto ao armorial de Ourém, sem falarmos nas várias modalidades por que passou e entre êles a do escudo que se encontra ainda hoje no chafariz dos cavalos, pôsto inclinado significando a bastardia do Mestre de Aviz, limitar-me-ei a descrever as armas mais antigas que são por certo as que se encontram sôbre as portas de Santarém, portas assim designadas por ficarem viradas para esta cidade, designação usual naquêles tempos.

Compõem-se essas armas de um castelo de duas tôrres, as cinco quinas reais postas em cruz, por cima de uma águia de asas estendidas e cabeça voltada para a esquerda, da direita uma estrêla e da esquerda uma meia-lua.

O castelo representa a vila. A estrêla e meia-lua, insígnias mouras, representam a victória alcançada. As quinas são as quinas reais que só com D. Afonso III passaram a ser orladas de castelos. A águia deve ser a mesma que usava nas suas armas a rainha D. Mafalda, tendo sido transmitida por D. Tereza, sua filha, ao receber a doação de Ourém.

O senhorio de Ourém esteve sempre na Corôa, com excepção das doações feitas por D. Afonso Henriques a sua filha D. Tereza ou Tereja; por D. Sancho II a sua mulher a rainha D. Mécia Lopes de Haro; por D. Diniz à rainha Santa Isabel que depois teve que ceder êsse Senhorio a sua cunhado, irmão de D. Diniz e Senhor de Portalegre; por D. Pedro I à rainha viúva, e aqui acabou o senhorio de Ourém para ser elevado à grandeza de condado, sendo o primeiro conde D. João Afonso Telo de Menezes, tio da rainha D. Leonor Teles.

* O segundo conde foi Andeiro de tão tristes recordações...

Terceiro conde foi D. Nuno Alvares Pereira.

Anos depois o condado de Ourém unia-se ao ducado de Bragança para não mais se separarem.

O 1.º Marquês de Valença foi o fundador de seu paço e tôrre na vila de Ourém e o fundador da «insigne e real» Colegiada que tanta influência e prestígio chegou a ter.

X

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

«Ourém, viu nascer a Monarquia Portuguesa!...»

Ourém, viu a alegria e o regosijo de Afonso Henriques ao tomar aos mouros, em 1136, êsse baluarte!...

Ourém, viu o nosso 1.º monarca ajoelhado na terra agora purificada por tanto sangue cristão e ali fazer solenemente o voto em acção de graças, da construção do templo de Santa Maria!

* *in notícias de ourém*, n.º 151, 7 de junho de 1936, p. 2.

Ourém, viu as lágrimas dêsse monarca ao despedir-se, para não mais a tornar a ver, de sua filha querida, D. Tereza, a quem tinha feito doação dessa fortaleza, quando ela partiu para as regiões longínquas da Flandres!...

Ourém, sentiu bater às duas portas a luzida cavalgada de D. Sancho II que de insígnias reais ordenava que a fortaleza lhe fôsse entregue, recebendo como resposta tiros de bêsta e arremêços!...

Ourém, viu retirar êsse bondoso e infeliz monarca, o valente conquistador de Elvas e Tavira – vencido pela afronta recebida que não pela fôrça das armas – a caminho de Coímbra onde o esperava o seu dedicado alcaide Martim de Freitas, mas, ao voltar para Coímbra, D. Sancho seguia talvez já a caminho de Toledo!...

Ourém viu D. Lopo Dias de Sousa, acompanhado de Cavaleiros de Cristo, arvorar pela primeira vez o balsão da Ordem, a favor do Mestre de Aviz!...

Ourém, viu partir os seus soldados na hoste do Duque de Barcelos e lá ficaram nas plagas de Alcácer, chorando ao vento da derrocada a epopeia da Grei!...

Era de Ourém o alcaide de Olivença, Gregório Correia, que, em 1641, qual outro Martim Moniz, tão heroicamente defendeu a porta dessa fortaleza ao violento embate dos castelhanos!...

Soldados de Ourém, colaboraram na expulsão dos franceses!...

Ourém, presenciou os milagres de Santa Tereza do Zambujal e ouviu as preces da Rainha Santa Isabel!...

.....
Ourém, côrte de Reis e Príncipes, Fidalgos e Cavaleiros!... Teus paços ouviram o som dos guisos dos Jograis, por entre as trovas de amigo e de «bem querer», e os sons dos alaúdes, nas seroadas da Côrte!...

Por Ourém passou tôda a antiga nobreza de Portugal!...

Ourém, relicário das mais nobres tradições!...

Ourém!... Tu fôste a mais linda jóia da Corôa de Portugal!...

Tenho dito.